

Boletim Número 18
Data: Maio-Junho/2003

EDITORIAL

O décimo oitavo número do Boletim PROEALC chega ao público em meio a uma grave situação mundial, que alimenta grandes polêmicas e contradições. Enquanto concretiza-se outra intervenção genocida do imperialismo yankee, com a agressão sem o aval da ONU contra a soberania iraquiana, a imprensa burguesa faz questão de alardear o grande “crime” que, dizem, foi o fuzilamento em Cuba - previsto na legislação do país - de alguns poucos seqüestradores, que respondendo a campanha contra-revolucionária dos EUA, tentaram, usando de violência, levar uma lancha repleta de passageiros rumo ao “sonho americano”.

Não seriam crimes maiores as condenações a morte - sempre de negros ou latinos - nos EUA, notadamente no Texas, estado este que, quando governado por Bush, executou mais pessoas que o regime cubano desde a Revolução? A imprensa burguesa parece ignorar - ou fingir desconhecer - os fatos. Mesmo alguns conhecidos intelectuais de esquerda fizeram eco aos contra-revolucionários, e escreveram artigos criticando os fuzilamentos em Cuba. O escritor uruguaio Eduardo Galeano escreveu um artigo denominado “Cuba Dói”, que foi exaustivamente divulgado por essa mesma imprensa. A nosso ver, o fato de um artigo escrito por um renomado intelectual de esquerda ser tão exaustivamente divulgado por uma imprensa abertamente comprometida com o *status-quo* é uma demonstração do grande engano que cometeu o desta vez equivocado Galeano. Essa também é a opinião de Miguel Urbano Rodrigues, autor de “Galeano dói: a coerência e a incoerência do autor de “As veias abertas da América Latina”, uma resposta ao citado artigo que aqui publicamos.

Publicamos também nesse número um outro artigo do próprio Galeano, denominado “Visões da Guerra”, este voltado para a análise do remoçado intervencionismo militar dos EUA, e publicado no jornal mexicano “La Jornada”. Neste artigo, o autor demonstra todo seu conhecimento sobre o que representa a “democracia” e a “liberdade de expressão” propaladas pelos EUA para a América Latina e o Caribe, o que aumenta a contradição com seu artigo crítico ao regime cubano, onde a “argumentação invocada não convence”, a “motivação alegada não justifica a conclusão” e onde cometeu um “tremendo erro”, nas palavras de Miguel Urbano Rodrigues.

O terceiro artigo publicado nesta edição é o “Outro Mundo é possível. Um mundo Socialista”, que é a síntese do curto e contundente pronunciamento de Fausto Bertinotti, secretário geral do Partido da Refundação Comunista, da Itália, no “II Encontro Hemisférico de Luta contra a Alca”, realizado em Havana, Cuba, entre os dias 25 e 28 de novembro de 2002, quando já se caracterizavam claramente os preparativos para a intervenção imperialista no Iraque. As palavras finais deste artigo resumem a posição do autor, posição esta que também compartilhamos: “O slogan deste movimento anti-globalização é ‘Outro mundo é possível’. Nós continuamos a dizer que ‘este mundo é socialista!’ ”

Silene de Moraes Freire e Bruno Jorge de Oliveira Pedreira

Em Foco I

Outro mundo é possível. Um mundo socialista

*Fausto Bertinotti**

“É necessário um encontro entre os movimentos anti-globalização neoliberal”

Entre os dias 25 e 28 de novembro último, realizou-se em Havana (Cuba) o II Encontro Hemisférico de Luta contra a Alca. Mais de mil delegados de 43 países debateram exaustivamente as causas e conseqüências da futura Área de Livre Comércio das Américas e traçaram um amplo plano de lutas. Convidado especial da reunião, Fausto Bertinotti, 62, secretário geral do Partido da Refundação Comunista, da Itália e deputado no Parlamento, fez um curto e contundente pronunciamento, pregando o encontro de todas as vertentes que lutam contra a globalização neoliberal. Eis a síntese deste discurso.

“Um Espectro ronda a Europa”, disse Marx no início do Manifesto Comunista. Hoje, dois são os espectros que rondam o mundo: a guerra e o movimento contra a ordem neoliberal. Ambos opõem-se mutuamente e deles depende nosso futuro.

As opções colocadas diante de nós são duas: ou teremos um processo de superação da ordem capitalista, ou chegaremos à barbárie. Este desfecho depende muito do encontro de duas forças que concorrem paralelas. E este encontro, por sua vez, depende do renascimento de uma esquerda anti-capitalista. Intervindo no mundo inteiro.

A guerra do Iraque está por começar. No momento em que se inicia este novo conflito imperial, o mundo vive um novo salto de qualidade, sancionado pela doutrina Bush. Os Estados Unidos podem intervir em qualquer país do mundo, a qualquer momento. A doutrina Bush responde a uma premente necessidade de controlar fontes de energia, como petróleo, e a geopolítica do mundo. Os Estados Unidos querem ter sob seu comando a Europa e a China. Querem manter um vasto poder imperial, uma nova soberania e uma nova democracia que substitua organismos internacionais, como a ONU e a própria Otan, montando um sistema de alianças centrado apenas em suas vontades.

As fases da globalização

Por que querem esta guerra? Ela não nasce de uma particular correlação de forças do capitalismo e dos Estados Unidos. Nasce da crise. Estamos passando de uma primeira fase da globalização capitalista para uma segunda. Na primeira fase, tivemos as pretensões hegemônicas do pensamento único, dos bancos e das empresas. A segunda fase substituirá esta hegemonia, e se caracterizará pela instabilidade política, econômica e social em cada parte do mundo. Esta fase é marcada pela estagnação. A Argentina é um dos primeiros casos desta nova etapa, de implosão financeira de um país.

Da guerra civil à guerra internacional

Esta não é somente uma crise econômica. Ela é política e social. Na Europa, esta fase caracteriza-se por uma dramática depressão social nos seus países periféricos. A globalização capitalista falhou em integrar; ela exclui. Assim, o neoliberalismo vai hoje da guerra civil à guerra internacional. A nova fase do mundo é formada pela guerra e pelo terrorismo. Esta é a globalização capitalista, que tende a cancelar a política e a voz das classes subalternas em todo o mundo, através do seqüestro da democracia.

As características

De outra parte, estamos vivendo um período sem precedentes nos últimos 20 anos. Ele é marcado pelo surgimento de uma contestação que passa por Seattle, Gênova e Porto Alegre. É o grande fenômeno político de nosso tempo. As forças comunistas têm de discutir a fundo este movimento, que representa uma importante força de transformação social.

Esta mobilização possui três características básicas: É mundial; pois ou ela é mundial, ou não tem capacidade de intervenção. Em segundo lugar, é um movimento de longa duração. E, em terceiro, ele faz com que toda uma nova geração de jovens entrem na cena política, num impulso crítico e plural. E neste pluralismo reside sua força.

Encontro

Nós, da tradição do movimento operário marxista, analisamos o capital através de suas causas e vemos seus efeitos de alienação e rapina. As manifestações antiglobalização atacam os efeitos da nova ordem capitalista. Precisamos realizar um encontro entre estes dois movimentos e fazer uma crítica radical aos mercados. Se estas forças se encontrarem, podem fazer renascer a história da crítica da superação do capitalismo. Podem desmontar a história de que não há alternativas e que esta globalização capitalista pode ser modificada apenas em sua superfície. Esta pode ser uma grande conquista cultural de nosso tempo, destruindo a hegemonia do pensamento único e do liberalismo.

Precisamos ao mesmo tempo romper com os esquemas burocráticos, que tanto prejuízo nos causaram. Quando vejo aqui, neste encontro, a crítica que Fidel Castro faz à Alca e à OMC, eu vejo este encontro.

Um mundo socialista

Para nós, na Europa, o tratado de Maastrich não é a Alca, mas assinala a criação de um vínculo forte com o capitalismo norte-americano. Maastrich tenta transformar a Europa das lutas sociais em uma mera reprodução do sistema norte-americano.

Na América Latina, os sucessos de Lula, de Cuba, de Chávez e do Equador renovam as lutas e denotam, ventos de mudanças. Em Florença, construímos um movimento de um milhão de pessoas contra a guerra. Este 'não' à guerra e este 'não' ao neoliberalismo pode ser um novo início, que coloque os movimentos sociais europeus e latino-americanos numa nova perspectiva, fazendo com que um velho slogan europeu ganhe atualidade: 'Socialismo ou barbárie'!

O slogan deste movimento antiglobalização é 'Outro mundo é possível'. Nós continuamos a dizer que 'este mundo é socialista'!

Em Foco II

Especial Cuba

Galeano dói: a coerência e a incoerência do autor de «As veias abertas da América Latina»

*Miguel Urbano Rodrigues**

De todos os depoimentos críticos que li sobre os julgamentos de Cuba o que mais me surpreendeu foi o de Eduardo Galeano. O seu «Cuba duele», publicado em "Brecha" e logo reproduzido em todo o mundo, doeu-me muito. Por vir de um dos escritores da América Latina mais respeitados pelo seu etnicismo, e porque a sua atitude confundiu muitos intelectuais de esquerda e foi festejada pelo super poder universal — uso uma expressão sua — "que está com uma vontade louca de tirar da garganta esta teimosa espinha", isto é Cuba.

Uma chuva de críticas desaba hoje sobre o autor de «As veias abertas da América Latina». Esse foi outro efeito colateral da sua tomada de posição. Com a peculiaridade de muitas dessas críticas, marcadas pela paixão, serem injustas, algumas insultuosas. Os epígonos - e toda a Revolução gera sempre esse tipo de gente - quando não adulam difamam.

Li um artigo, por exemplo, em que o autor lançava sobre Galeano o anátema de burguês oportunista, acusando-o de se hospedar em hotéis de luxo, quando visitava Havana. Textos como esse definem quem os subscreve. Galeano tem um passado de lutas pela causa da libertação da América Latina que não pode ser apagado por um artigo que não deveria ter escrito.

Admiro há mais de quatro décadas o escritor e o intelectual revolucionário. Nem sempre me identifiquei com posições por ele assumidas, mas esse distanciamento nunca afectou o meu respeito pela sua permanente busca de coerência nos combates em que, sempre corajoso, se empenhava. Não duvido do seu amor por Cuba e pela Revolução.

Apertei-lhe a mão uma noite, sem trocar uma palavra, em Santiago, no ano 88, quando ele num teatro daquela cidade abriu o programa de «Chile Crea», uma iniciativa em que quase no final do consulado de Pinochet, 200 intelectuais de muitos países levaram solidariedade ao povo de Neruda. Galeano falou por todos, desafiando a ditadura. E exprimiu bem o que sentíamos.

O que me distancia hoje do escritor uruguaio não me leva a procurar subitamente no seu passado, supostas falhas de caráter, cumplicidades imaginárias com a burguesia, ambições ou vaidades. Galeano não caminhou pela vida contemplando o seu umbigo. Aquilo que me dói no escritor e no combatente humanista é ele ter agido sob o impulso do que julgou ser um dever ético. Por outras palavras: o tremendo erro que cometeu. A motivação alegada não justifica a conclusão. Onde enxergou uma ponte ela não existia. Os julgamentos e os fuzilamentos funcionaram como espoleta de uma opção de consciência. Mas a argumentação invocada não convence.

Não cabe aqui analisar a visão que Galeano transmite da Cuba atual. É um fato que a Ilha “sobreviveu como pôde e não como quis”. Mas o autor de «Las fuentes de la violencia» não tem com a sociedade cubana, extraordinariamente contraditória, a intimidade suficiente para descer às raízes de situações que o chocam. Reconhece que, apesar do cerco imperial, Cuba permanece “de pé num mundo de agachados”. Portanto, Resiste!

O grave não é o apontar de realidades que inviabilizaram o projeto da revolução idealizada, mas o discurso que acompanha a crítica suscitada pelos atos do Poder que condena. Galeano deixa então entrever uma concepção da história da qual, como muitos dos seus admiradores, me distancio. Aí, o que escreve destapa também uma desinformação chocante num escritor com a sua dimensão. Recordar a Checoslováquia do ano 68 e o Afeganistão do ano 79 a propósito do funcionamento da Justiça cubana no ano 2003 para reflectir sobre “o sagrado direito à autodeterminação dos povos” foi uma péssima lembrança. Ficou desarmado. A direita aplaudiu, mas a história foi desrespeitada.

Seria absurdo abrir aqui o “dossier” da intervenção soviética na Checoslováquia. Mas julgo oportuno recordar uma confissão indesmentível de Alexandre Dubcek, feita ao semanário soviético “Novidades de Moscu” em pleno período da perestroika. Dubcek, numa entrevista que foi então amplamente divulgada em muitos países, declarou que nunca havia sido marxista. Acontece que esse dirigente era secretário geral do Partido Comunista da Checoslováquia durante os acontecimentos do ano 68 quando, como governante, anunciava que a Primavera de Praga iria conduzir o país a um socialismo humanizado, de rosto humano. Apenas pergunto: por que mentiu Dubcek ao seu povo? Como podia defender “o sagrado direito à autodeterminação dos povos” alguém que, não sendo marxista, proclamava diariamente a sua fidelidade ao socialismo como secretário-geral de um Partido comunista?

Dubcek, afinal, comportou-se no governo como um farsante, tal como Gorbatchev, que tendo subido ao poder proclamando a necessidade de um regresso às origens do leninismo, viria, anos depois, a confessar em Grenoble, na França, que há muitos anos tinha consciência da superioridade do capitalismo sobre o socialismo.

Refere também Galeano a invasão do Afeganistão. Visitei quatro vezes aquele país durante a Revolução afegã (uma realidade hoje esquecida) e conheço com alguma intimidade a história antiga e contemporânea dos seus povos. Porventura Eduardo Galeano ignora o famoso depoimento de Brzezinski em que ele se orgulha de ter persuadido Carter (em documento assinado) a criar, através da CIA, uma situação de caos no Afeganistão que forçaria inevitavelmente a URSS a intervir em defesa da Revolução?

Galeano está consciente de que o Sr. James Cason, o chefe do Escritório de Interesses dos EUA, se comporta em Havana não como diplomata, mas como representante dos serviços de inteligência do seu país. No âmbito

do seu trabalho conspirativo — escreve — “ele próprio fundou o braço juvenil do Partido Liberal Cubano, com a delicadeza e o pudor que caracterizam o seu chefe”.

Não entendo, portanto, a contradição do escritor. Se está ciente de que Gason montava grupos contra-revolucionários para os apresentar como partidos, se reconhece que essa falsa “oposição democrática nada tem a ver com as genuínas expectativas dos cubanos honestos”, por que invoca então a posição de Rosa Luxemburgo contra o partido único?

Certamente que Galeano não esqueceu a tentativa de Carlos Alberto Montaner, um notório homem da CIA, de criar em Cuba três taxi-partidos fantasmas: o socialista, o social-democrata e o democrata cristão. Em carta dirigida então a Gustavo Arcos convidava-o a aceitar a presidência de um deles. O seu interlocutor sabia como ele que tais partidos seriam ficcionais, siglas sem militantes, mas isso carecia de importância. Oficialmente lançados, o Governo Cubano — explicava Montaner — tornaria pública a sua ilegalidade. Então seria lançada uma campanha internacional e o mundo tomaria conhecimento de que Fidel fechara o Partido Socialista, o Partido Social Democrata e o partido Democrata Cristão. E choveriam protestos contra a repressão em Cuba. Para azar de Montaner a carta nem chegou ao seu destino. Foi apreendida pelos serviços de segurança cubanos e divulgada pelo “Granma”.

Marti não era marxista. A sua concepção idealista da história — na acepção filosófica da palavra — não o impediu, contudo, como revolucionário, de defender um partido único, o Partido Revolucionário Cubano. Ele tinha a certeza antecipada do que significaria numa Cuba libertada, mas com um forte movimento anexionista, o funcionamento de uma multiplicidade de partidos controlados e financiados pelo imperialismo estadunidense. A história não tardou a confirmar as suas previsões.

Já o tenho dito e escrito: Cuba, bloqueada, foi forçada a desviar-se do seu belo projeto revolucionário e a adotar medidas que lhe contrariam o espírito e as metas. A necessidade de sobrevivência da Revolução impediu-a de construir o seu próprio modelo de socialismo. Mas a decisão de Resistir, e defender conquistas fundamentais, torna por si só a Ilha credora da gratidão e da solidariedade de todas as forças progressistas. E em primeiro lugar dos intelectuais revolucionários.

Mas o que Galeano critica não é a desigualdade social resultante dos mecanismos do Período Especial, não são os efeitos nocivos daquilo a que Fidel chamou “as bactérias e bicharocos” do capitalismo. O grande escritor uruguaio tem má consciência, como amigo de Cuba, por outros motivos. O que me dói é que alguém como ele venha levantar a temática da abertura democrática, da liberdade de reunião e da liberdade de imprensa usando uma linguagem que não é a sua e colocando-se numa perspectiva que também não é a sua quando contempla Nuestra América. E isso acontece no auge da mais feroz campanha anti-cubana das últimas décadas, orquestrada por um sistema de poder monstruoso que ameaça já a Ilha com o destino do Iraque.

Pelo vasto mundo, todas as semanas homens e mulheres são executadas após julgamentos sumários. É no Paquistão, em países da Ásia Oriental, em África. Nos presídios dos EUA dezenas de presos condenados à morte aguardam a execução da sentença. No Iraque, ocupada Bagdad, as forças dos EUA, após uma guerra de genocídio, abatem diariamente patriotas que protestam contra ocupação. Aos soldados foi distribuído um baralho de cartas com os retratos de personalidades que Washington pretende capturar. Tariq Aziz era o oito de espadas. E contudo, os fuzilamentos de Cuba ocupam mais espaço nas primeiras páginas dos jornais dos EUA da Europa do que crimes e abjeções como os citados, nestes dias em que o neofascismo do sistema de poder estadunidense ameaça a humanidade.

Pessoalmente também discordo da pena de morte. Sou pela sua abolição universal. Mas não escreveria uma só linha a criticar os fuzilamentos de Havana.

Eduardo, não deverias ter citado Rosa Luxemburgo. A águia de Varsóvia, como lhe chamava Lênin, que muito a admirava apesar das discordâncias, estaria hoje, se fosse nossa contemporânea, na primeira trincheira da defesa de Cuba.

*Miguel Urbano Rodrigues é membro do conselho editorial de Resistir. Info: onde este artigo foi originalmente publicado

Em Foco III

Especial Guerra Imperialista

Visões da Guerra

*Eduardo Galeano**

Serei curioso. Em meados do ano passado, quando esta guerra estava se incubando, George W. Bush declarou que “devemos estar prontos para atacar em qualquer obscuro rincão do mundo”. O Iraque é, portanto, um obscuro rincão do mundo. Será que Bush acredita que a civilização nasceu no Texas e foram seus compatriotas que inventaram a escrita? Será que ele já ouviu falar da biblioteca de Nínive, da Torre de Babel e dos Jardins Suspensos da Babilônia? Terá escutado ao menos um dos contos das “Mil e uma noites” de Bagdá? Quem o elegeu presidente do planeta? A mim, ninguém chamou para participar destas eleições. E a vocês? Elegeríamos um presidente surdo? Um homem incapaz de escutar algo mais que o eco da própria voz? Surdo diante do rugir incessante de milhões e milhões de vozes que declaram paz à guerra pelas ruas do mundo? Ele não foi capaz sequer de dar ouvidos ao carinhoso conselho de Gunter Grass.

O escritor alemão, compreendendo que Bush tinha necessidade de demonstrar algo muito importante em relação ao seu pai, recomendou-lhe que consultasse um psicanalista em vez de bombardear o Iraque. Em 1898, o presidente William McKinley declarou que Deus lhe dera ordens para ficar com as ilhas Filipinas, visando civilizar e cristianizar seus habitantes. McKinley disse ter falado com Deus enquanto caminhava, à meia-noite, pelos corredores da Casa Branca. Mais de um século depois, o presidente Bush assevera que Deus está do seu lado na conquista do Iraque. A que horas em que lugar recebeu a palavra divina? E por que Deus terá dado ordens tão contraditórias a Bush e ao Papa de Roma? Declara-se a guerra em nome da comunidade internacional, que esta farta de guerras. E, como de costume, declara-se a guerra em nome da paz. Não é pelo petróleo, dizem. Porém, se o Iraque produzisse rabanetes em vez de petróleo, a quem ocorreria invadir esse país? Bush, Dick Cheney e a doce Condoleezza Rice terão de fato renunciado a seus altos cargos na indústria petrolífera? Por que essa mania de Tony Blair contra o ditador iraquiano? Não será porque 30 anos atrás Saddam Hussein nacionalizou a empresa britânica Irak Petroleum Company? Quantos poços José Maria Aznar espera receber na próxima partilha? A sociedade de consumo, da borracha e do petróleo, tem pânico da síndrome de abstinência.

O elixir negro iraquiano é o menos caro e talvez o mais abundante. Numa manifestação pacifista em Nova York, um cartaz pergunta: “Por que nosso petróleo está debaixo da areia deles?” Os Estados Unidos anunciaram uma longa ocupação militar, depois da vitória. Seus generais se encarregarão de estabelecer a democracia no Iraque. Será uma democracia igual à que presentearam ao Haiti, República Dominicana e Nicarágua? Ocuparam o Haiti durante 19 anos e fundaram um regime militar que desembocou na ditadura de François Duvalier. Ocuparam a República Dominicana durante nove anos e fundaram a ditadura de Rafael Leonidas Trujillo. Ocuparam a Nicarágua por 21 anos e fundaram a ditadura da família Somoza. A dinastia dos Somoza, que os marines puseram no trono, durou meio século, até 1979, quando foi varrida pela fúria popular. Na ocasião o presidente Ronald Reagan cavalgou seu corcel e lançou-se à salvação de seu país ameaçado pela revolução sandinista. A Nicarágua, pobre entre os pobres, tinha então, no total, cinco elevadores e uma escada rolante que funcionavam. Mas Reagan denunciava o perigo nicaraguense e, enquanto ele falava, a TV mostrava um mapa dos Estados Unidos que ia se tingindo de vermelho a partir do Sul, para ilustrar a invasão iminente.

Será que o presidente Bush copia seus discursos semeando o pânico? Dirá ele “Iraque” ali onde Reagan dizia “Nicarágua”? Manchetes dos diários nas vésperas da guerra: “EUA prontos para resistência ao ataque”. Recordes nas vendas de fita crepe isolante, máscaras anti-gás, pílulas anti-radiação... Por que o verdugo mostra mais medo do que a vítima? Será apenas devido ao clima de histeria coletiva? Ou ele treme por pressentir as conseqüências de seus atos? E se o petróleo iraquiano incendiar o mundo? Não será esta guerra a melhor vitamina de que o terrorismo internacional necessitava? Dizem-nos que Saddam Hussein alimenta os fanáticos da Al Qaeda. Será um criatório de corvos para que lhe arranquem os olhos? Os fundamentalistas

islâmicos o odeiam. Para eles, é diabólico um país onde se assiste a filmes de Hollywood, muitos colégios ensinam inglês, a maioria muçulmana não impede que os cristãos andem com crucifixos no peito e não é raro ver mulheres trajando calças compridas e blusas audaciosas. Não havia nenhum iraquiano entre os terroristas que explodiram as torres de Nova York. Quase todos eram da Arábia Saudita, o melhor cliente dos Estados Unidos no mundo. Também é saudita Bin Laden, esse vilão que os satélites perseguem enquanto foge a cavalo pelo deserto, e diz presente toda vez que Bush necessita de seus serviços de ogro profissional. Você sabia que o presidente Dwight D. Eisenhower disse, em 1953, que a “guerra preventiva” era um invento de Adolf Hitler? Ele afirmou: “Francamente, eu não levaria a sério ninguém que viesse me propor uma coisa semelhante”.

Os Estados Unidos são o país que mais fabrica e vende armas no mundo. São também a única nação que já lançou bombas atômicas contra a população civil. E, por tradição, estão sempre em guerra contra alguém. Quem ameaça a paz universal? O Iraque? O Iraque não respeita as resoluções da Organização das Nações Unidas (ONU)? E Bush, que acaba de vibrar a mais espetacular patada na legalidade internacional? E Israel, um país que se especializou em ignorâncias? O Iraque desconheceu 17 resoluções da ONU. Israel, 64. Bombardeará Bush o seu mais fiel aliado? O Iraque foi arrasado em 1991, pela guerra de Bush pai, e esfomeado pelo bloqueio posterior. Que armas de destruição em massa pode esconder esse país maciçamente destruído? Israel, que desde 1967 usurpa terras palestinas, conta com um arsenal de bombas nucleares que lhe garante a impunidade. E o Paquistão, outro fiel aliado que além do mais é um notório ninho de terroristas, exibe suas próprias ogivas nucleares. Porém o inimigo é o Iraque, que “poderia possuir” tais armas. Se as possuísse, como a Coreia do Norte proclama, se animariam a atacá-lo? E as armas químicas e biológicas? Quem vendeu a Saddam Hussein as matrizes para fabricar os gases venenosos que asfixiaram os curdos e os helicópteros para lançar esses gases? Por que Bush não mostra os recibos? Naqueles anos, da guerra contra o Irã, da guerra contra os curdos, seria Saddam menos ditador do que é agora? Até Donald Rumsfeld o visitava em missão de amizade. Por que os curdos comovem agora e não comoviam antes? E por que só são comovedores os curdos do Iraque e não os muitos mais numerosos curdos sacrificados pela Turquia? Rumsfeld, atual secretário da Defesa, anuncia que seu país usará “gases não-letais” contra o Iraque.

Serão tão pouco letais como os que Vladimir Putin usou no ano passado, no teatro de Moscou, e que mataram mais de cem reféns? Durante alguns dias, as Nações Unidas cobriram com uma cortina a Guernica de Picasso, para que essa agradável cenografia não perturbasse os toques de clarim de Colin Powell. De que tamanho será a cortina para esconder a carnificina no Iraque, conforme a censura total que o Pentágono impõe aos correspondentes de guerra? Aonde irão as almas das vítimas iraquianas? Segundo o reverendo Billy Graham, assessor religioso do presidente Bush e agrimensor celestial, o Paraíso não é muito grande: mede não mais de 500 milhas quadradas. Poucos serão os eleitos. Adivinhe: qual será o país que comprou quase todas as entradas? E a pergunta final, tomada de empréstimo de John Le Carri: -Vão matar muita gente, papai? Ninguém que você conheça, querido, só estrangeiros.

* Escritor uruguaio, autor de “As veias abertas da América Latina”. O artigo foi escrito para a edição de 24 de março do jornal mexicano “La Jornada”.

Livros lançamentos

• Revista (SYN)THESIS especial PROEALC: América Latina no Início do século XXI (Vendas no PROEALC - UERJ, sala 8019E)

Este é o segundo número especial dos Cadernos (Syn)Thesis organizado pelo Programa de Estudos de América Latina e Caribe (PROEALC). O primeiro foi editado no ano de 1999, pelo coordenador anterior do Programa. Tal edição abordou a questão: “Violências, percursos e tensões na América Latina do final do século XX”.

A presente publicação chega ao público no início do século XXI, momento em que temos diante de nós um dos maiores desafios de toda nossa história. As transformações econômicas, sociais e políticas regressivas das últimas décadas do século XX provocaram um processo de fragmentação e exploração social assustador. Nesse contexto, somos desafiados a reatualizar a compreensão do tipo de sociedade latino-americana que emerge das experiências neoliberais, das regulamentações, da exclusão dos direitos, do debilitamento das

instâncias democráticas de nossas sociedades. Tal desafio exige a elaboração de propostas alternativas que não signifiquem um simples regresso às etapas históricas superadas na região, frente a essas questões, faz-se necessário resgataremos a capacidade de elaboração teórica do pensamento social crítico latino-americano.

A organização deste número se reveste de um significado especial no processo de atualização e redimensionamento pelo qual vem passando o Programa de Estudos de América e Caribe sob nova coordenação. Reestruturações pressupõem avanços, recuos, avaliações, possibilidades de novos rumos. Com o lançamento deste número especial nosso Programa vê realizado um anseio já relativamente antigo de não apenas manter, mas, sobretudo ampliar os canais de divulgação de sua produção, que hoje já conta com Boletins bimestrais, *home-page* e livros.

Os artigos desta edição especial dos Cadernos (Syn)thesis apresentam parte da produção dos pesquisadores associados e membros da equipe do PROEALC. Nela optamos por reunir em torno de dois temas centrais: Políticas Educacionais, Democracia e Integração Regional na América Latina e Políticas Neoliberais, Conflitos e Movimentos Políticos na América Latina, alguns artigos que oferecem uma visão geral dos estudos realizados pelo Programa.

Desse modo, nesta edição encontram-se artigos de jovens pesquisadores bem como renomados estudiosos da América Latina. Ultrapassando os muros da Universidade, esse (Syn)theses Especial contempla questões presentes neste início de século, pertinente aos que se ocupam de problemáticas referentes as possibilidades e perspectivas de construção e consolidação de uma ordem democrática na América Latina.

Silene de Moraes Freire

Agenda Acadêmica

• **51o Congresso Internacional de Americanistas** - "Repensando las Américas en los umbrales del siglo XXI". Santiago, Chile, 14-18 Julio 2003. Simpósio: EPS-17 (Estudios Políticos, Sociales y Económicos - EPS. Título: Desarrollo, Democracia y Integración en América Latina. Coordenação Geral: Dra. Silene de Moraes Freire.
Informações no PROEALC.

Expediente

Reitor

Profª Nilcéia Freire

Vice-reitor

Profº Celso Pereira de Sá

Sub-reitor de Graduação

Profº Dr. Isac José Vasconcellos

Sub-reitoria de Pós-graduação e Pesquisa

Profª Dra. Maria Andréa Loyola

Sub-reitor de Extensão e Cultura

Profº Dr. André Lázaro

Diretora do Centro de Ciências Sociais

Profº Dra. Lúcia Maria Bastos Pereira das Neves

Coordenadora do PROEALC

Profª Dra. Silene de Moraes Freire

Editora Responsável

Profª Dra. Silene de Moraes Freire

Assistente Editorial

Bruno Jorge de Oliveira Pedreira
(PROEALC/CCS/UERJ)

Rosane Rezende de Lima (PROEALC/CCS/UERJ)

Coordenação de Produção

Aline Silveira de Assis (PROEALC/FSS/UERJ)

Bruno Jorge de Oliveira Pedreira

(PROEALC/CCS/UERJ)

Douglas Ribeiro Barboza (PROEALC/FSS/UERJ)

Colaboradores

Douglas Ribeiro Barboza (PROEALC/FSS/UERJ)

Projeto Gráfico

Érica Fidelis (NAPE/DEPEXT/UERJ)

Diagramação

Bruno Jorge de Oliveira Pedreira

(PROEALC/CCS/UERJ)

Revisão

Bruno Jorge de Oliveira Pedreira

(PROEALC/CCS/UERJ)